

Manuscrito de Milton Hatoum

O dossiê do segundo romance do escritor Milton Hatoum, *Dois irmãos*, conta com vinte e quatro versões ou partes de versões. Aliada a essas versões, há uma boa quantidade de papéis avulsos que contêm informações e indicações sobre as decisões tomadas pelo escritor ao longo do processo.

O manuscrito ao lado talvez seja o mais bonito e o mais significativo do conjunto. Faz parte de um pequeno número de folhas escritas à mão pelo autor. Provavelmente, por conta da sua formação em arquitetura, Hatoum costuma criar uma espécie de croqui, onde ele mistura texto e desenho, com os pontos principais da história.

Este manuscrito, em particular, apresenta as principais questões que produziram maior quantidade de trabalho na criação do texto. Um destes problemas foi a construção do foco narrativo. Mais ou menos sete versões mostram grandes mudanças na construção do ponto de vista do narrador. Neste fólio pode-se observar, mais ou menos no meio da página, a indicação da posição do narrador, numa espécie de árvore genealógica do romance, com as observações: (*sem nome?*), *Um curumim, Revela-se aos poucos.*

As primeiras versões possuem um narrador externo a tudo e a todos, como um observador isento. No entanto, este tipo de foco resultou num texto sem profundidade e densidade, pelo menos não o suficiente para os objetivos da história. A posição do narrador deveria ser ambígua, ao mesmo tempo dentro e fora da família à qual ele pertencia como filho bastardo. Uma voz que, ao longo do texto, deveria atingir legitimidade. Na verdade não se revelando aos poucos, como era a idéia inicial, mas um narrador que durante o processo toma a sua voz, torna-se uma voz de fato. Um curumim sem nome? O nome dele é **Nael**. Um nome e um olhar que se constroem no romance. (v.g.j. e m.l.p.c.)

6 5 4 3 2 1

Manaus, Junho/1951

